

**VIOLÊNCIA, PORNOGRAFIA, CRUELDADE E A PERMANÊNCIA DA ESTÉTICA NATURALISTA NO CONTO  
BARATÁRIA, DE RODRIGO SANTOS**

Daniele Cristina Avelino Feitosa, Gilson Vedoin

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul–MS

danicapedagoga@outlook.com gilson.vedoin@gmail.com

Área/Subárea: CHSAL Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística Tipo de Pesquisa: (Científica)

**Palavras-chave:** Literatura contemporânea. Naturalismo. Rodrigo Santos.

Apoio:



Realização:



**INSTITUTO FEDERAL**  
Mato Grosso do Sul

MINISTÉRIO DA  
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,  
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES

MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO



## Introdução

A teórica Flora Süssekind (1984) defende em seus estudos que a estética naturalista sempre vigorou e foi revigorada no âmbito da cultura brasileira. Transitando dos romances elaborados no século XIX, tal estética transitou pela geração de 30 do modernismo brasileiro e foi largamente utilizada pelos romances elaborados no período ditatorial, encontrou novos desdobramentos na literatura a partir dos anos 80. A produção ficcional atual, no caso o conto *Baratária*, de Rodrigo Santos, também não foge à regra. Ancorando a narrativa em tempos díspares, o conto trata de temas relacionados à prática de tortura na década de 70 durante a instauração do regime ditatorial brasileiro e culmina numa posterior desforra da personagem Lenita contra seu algoz, muitos anos depois. Santos integra o projeto *Literatura Exposta*, iniciativa do Ministério da Cultura e Prefeitura do Rio de Janeiro, e cuja proposta é dar voz a ficcionistas e poetas periféricos, uma vez a “[...] literatura não dá conta sozinha de consertar séculos e séculos da construção social perversa do nosso Brasil. O que a literatura pode fazer – e que esta coletânea *Literatura Exposta* certamente faz – é provocar, encantar, emocionar, fazer pensar. (LIMA, 2017, p.3)”.

Para Süssekind (1984), os desdobramentos e a retomada da estética naturalista seria uma tentativa pelo viés artístico de tentar compreender, objetivamente, uma cultura nacional moldada pela violência e fraturada em suas bases, sejam elas identitárias, econômicas, políticas e sociais. Nesse sentido, a busca por uma estética que tente explicar e restaurar uma realidade caótica e atravessada por incontáveis surtos de violência em diversos níveis e estágios – social, histórico, simbólico, físico e psicológico – seria uma alternativa viável, encontrada pela arte (literatura e cinema, para ficarmos em dois exemplos restritos) para fugir a qualquer síntese explicativa reducionista e que busque solucionar os problemas nacionais a partir de um denominador comum.

## Metodologia

A pesquisa tem como procedimento o método monográfico aplicado ao estudo da obra *Baratária*, sobretudo no que se refere ao levantamento de fontes e a fortuna crítica acerca dos assuntos estudados, tendo como norte a investigação acerca da noção de crueldade, conceito esse proposto por Clément Rosset e que não fica restrito somente à questão temática do *corpus*, mas se articula através dos recursos expressivos utilizados pela narrativa de Rodrigo Santos, narrativa essa de teor pornográfico – conforme formulações propostas por Susan Sontag – e calcada nos preceitos da estética naturalista.



Figura 1. Performance de *Baratária* pelo coletivo És Uma Maluca, realizado no Rio de Janeiro em 2019.

## Resultados e Análise

Conforme Antonio Candido (1989), esta tendência à elaboração de narrativas nos moldes do chamado realismo brutal, que absorve todos os níveis de uma determinada realidade factual ao mesmo tempo em que é permeada por uma linguagem telegráfica e coloquial – por vezes “pornográfica” – foi motivada, de certo modo, pela conjuntura que se estabeleceu após os anos de chumbo, pós-64, e pelo repúdio aos ideais apregoados pelas vanguardas. Vanguardas, que sempre tiveram o propósito de resguardar a arte moderna dos domínios crescentes do mercado capitalista. Na concepção de Candido, o período da

[...] ditadura militar – com a violência repressiva, a censura, a caça aos inconformados – certamente aguçou por contragolpe, nos intelectuais e artistas, o sentimento de oposição, sem com isto permitir a sua manifestação clara. Por outro lado, o pressuposto das vanguardas era também a negação, como foi entre outros, o caso do tropicalismo dos anos 60, que desencadeou uma recusa trepidante e final dos valores tradicionais que regiam a arte e a literatura, como bom-gosto, equilíbrio, senso das proporções. (CANDIDO, 1989, p.212).

Ao trazer à baila a problemática violência em seus mais diversos níveis, as narrativas que se assentaram no naturalismo e nos seus desdobramentos – tais como o “realismo feroz” aludido por Candido – também contribuíram para revelar a imagem de um país em desagregação, que não correspondia aos ideais ilusórios de prosperidade alardeados pelo governo militar. Uma sociedade onde a modernização industrial foi exacerbada, de tal maneira, que culminou em uma realidade demarcada pela experiência da desumanização, que é a um só tempo individual e social, e se encontra conectada às transformações materiais da existência humana e, sobretudo, ao desenvolvimento das fobias e traumas de individualidades inseridas no contexto das “[...] metrópoles doentes de pânico e solidão, secretando a todo instante

obsessões [...] ou incontáveis surtos de violência [...] (FIORILLO, 1979, p.64)”

A crueldade do tema e dos recursos expressivos se alia com a exposição nua, crua, portanto pornográfica das ações da narrativa. Susan Sontag (2015) se propôs em seus estudos a efetuar uma revisão crítica do conceito de pornografia, legitimando tal conceito como arte contestatária. Nesse sentido, a literatura e a arte tida como pornográfica, segundo Sontag, seria aquela que conseguiria entabular discussões acerca da complexidade das relações fraturadas estabelecidas entre os indivíduos num determinado contexto problemático. Tais representações artísticas e literárias se apropriariam de suportes e materiais relacionados às formas extremas da representação do humano e do social desvelando uma série de experiências perturbadoras que significariam um risco espiritual para seus leitores.

### Considerações Finais

Possuidores de uma “mentalidade mórbida”, os artistas com “imaginação pornográfica” não teriam receio – temático e estético - em produzir uma arte opositiva às convenções (burguesas-políticas-morais-sociais) erigidas pelas “consciências sadias”. A articulação dessa arte em uma linguagem cruel, agressiva e transgressora, demarcada por situações comportamentais desprovidas do peso e da medida ético-moral, permite que a teoria proposta pela autora norte-americana se aproxime das modalidades narrativas naturalistas da contemporaneidade, sobretudo, da narrativa *Baratária*.

Desse modo, a estética pornográfica, assim como a literatura das últimas décadas (no Brasil, dos anos oitenta em diante) tem privilegiado situações e comportamentos extremados que acabam por determinar uma espécie de insipidez emocional nas suas personagens. Enquanto forma literária, essa arte acaba operando com os seguintes modelos básicos: exposição crua do real, discurso sem mediação e predileção por situações abjetas e desalentadoras. E isso pode ser comprovado a partir da leitura e análise da narrativa de feições pornográfica e naturalista de Rodrigo Santos.

### Agradecimentos

Ao Cnpq, pela bolsa concedida para realizar essa pesquisa.

### Referências

- CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In\_\_\_\_\_ *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- FIORILLO, Marília Pacheco. *Um cosmopolita do pânico e da solidão*. In\_\_\_\_\_ Revista Veja, 17 de Outubro de 1979.
- SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. In:\_\_\_\_\_ *A vontade radical: estilos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ROSSET, Clément. O princípio de realidade suficiente. In\_\_\_\_\_ *O princípio de crueldade*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.